

Vol. II

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Coordenação de Jorge de Oliveira



Memórias
da Freguesia
de Santa Maria
de Marvão

Vol. II

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Vol. II

Coordenação de
Jorge de Oliveira

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão

Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri

Título
**MEMÓRIAS DA FREGUESIA DE
SANTA MARIA DE MARVÃO**
(Número especial 2026 da Revista <<IBN MARUÁN>>)

Vol. II

Edição
Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação
Jorge de Oliveira

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus autores

Design Gráfico e Paginação
Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Tratamento Gráfico da Capa
Raul Ladeira

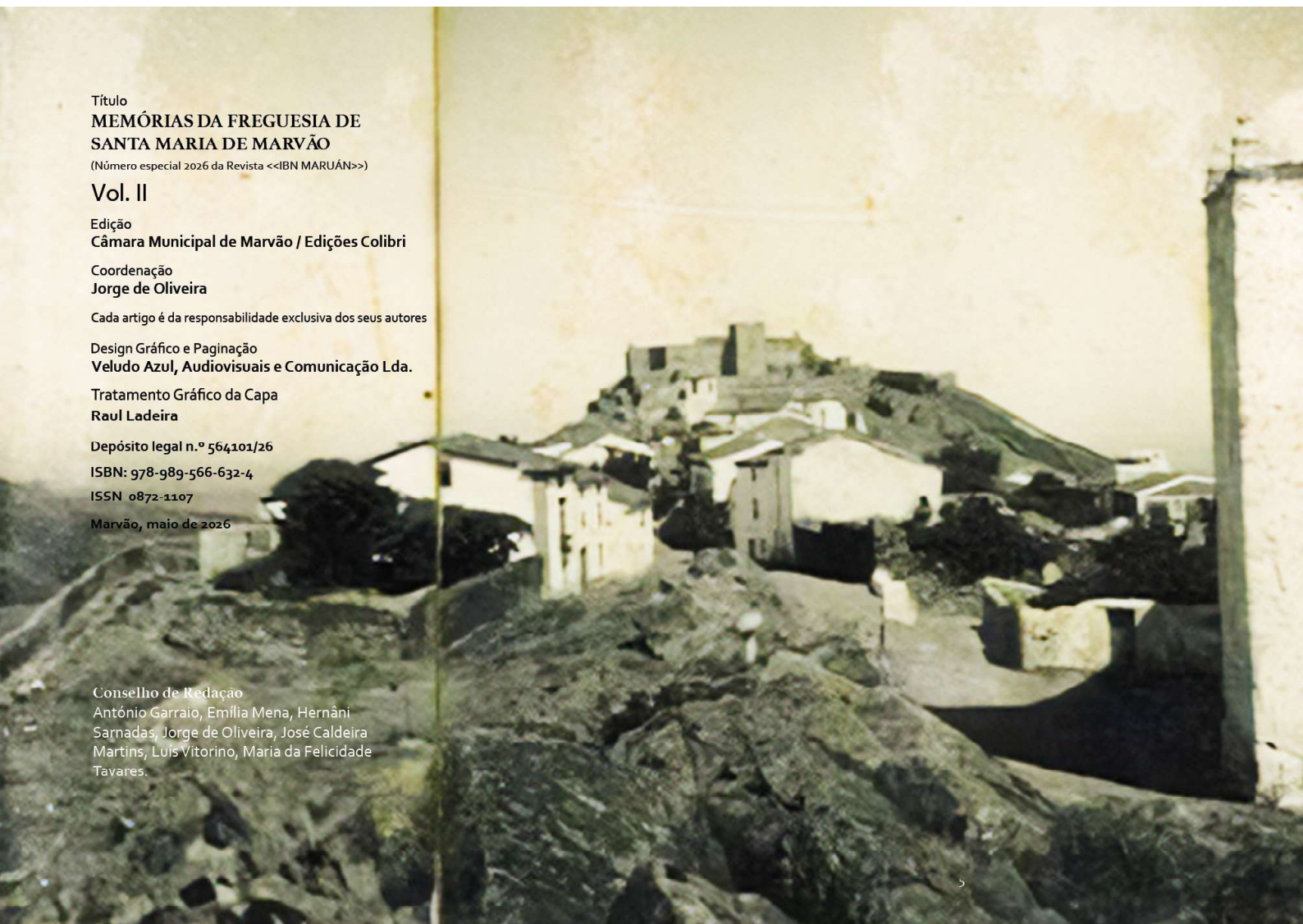
Depósito legal n.º 564101/26

ISBN: 978-989-566-632-4

ISSN 0872-1107

Marvão, maio de 2026

Conselho de Redação
António Garraio, Emília Mena, Hernâni
Sarnadas, Jorge de Oliveira, José Caldeira
Martins, Luís Vitorino, Maria da Felicidade
Tavares.



Ibn Maruân

Jorge de Oliveira
Universidade de Évora, CHAIA



O CHAFURDÃO DO JARDIM DA IGREJA DE SANTIAGO

Quem visita o pequeno e cuidado jardim que se abre em frente à Igreja de Santiago de Marvão depara-se com uma construção circular de pedra seca e cobertura de falsa cúpula revestida por terra. Trata-se dum chafurdão. As pedras que o formam apresentam-se hoje revestidas por abundantes musgos e líquenes aparentando tratar-se duma construção muito antiga. Na verdade, este chafurdão foi edificado nos inícios da década de noventa do século XX, quando promovemos, em colaboração com o Parque Natural da Serra de S. Mamede, dirigido por Rui Correia e a Câmara Municipal de Marvão, à data presidida por António Andrade, uma campanha de divulgação das construções tradicionais desta região, os chafurdões e as choças, no âmbito dum projeto FEDER, co-financiado pela Comunidade Europeia. Inventariaram-se nessa altura as construções destes dois tipos existentes no concelho e as coberturas de algumas choças dos Cabeçudos e Barretos foram revestidas com giestas. Por forma a promover estas construções tradicionais e sensibilizar os proprietários para a sua preservação pensou-se em erguer no primeiro recinto do Castelo de Marvão uma construção de cada um dos tipos. Depois de ouvido o parecer dos técnicos do IPPAR de Évora e em concordância com a Câmara Municipal optou-se por instalar as duas construções no jardim da Igreja de Santiago.

Como a técnica construtiva duma choça era obra fácil e conhecida da comunidade optou-se por se dar início primeiro à construção do chafurdão, cujo saber já se perdera há vários séculos. Por esse motivo, acompanhados pelos quatro pedreiros da Câmara Municipal, chefiados pelo saudoso Mestre Caldeira visitámos alguns dos chafurdões conhecidos na região nos quais se estudou a sua forma de construção.

Ia-se desenvolver uma verdadeira atividade de Arqueologia Experimental.

Recolhida a informação, escolheu-se o local para a sua implantação. Como a porta da quase totalidade dos chafurdões se abre para o quadrante nascente também aqui se pensou em replicar esse modelo. Contudo, como o principal acesso ao jardim se processa pelo lado norte, a porta abriu-se, então, para o lado que comunica com quem ao jardim se acerca. Após a abertura do alicerce que pouca profundidade tem,

porque a rocha ocorre muito à superfície iniciaram-se de seguida os trabalhos de construção. A pedra da sua fábrica foi recolhida nos campos da zona norte do concelho. Não contando com o tempo da recolha e transporte da pedra foram necessários 18 dias de trabalho para os quatro pedreiros levantarem este pequeno chafurdão com 5,5 metros de diâmetro externo e 4,5 metros de altura. Na fase final do fecho da abóboda, por não se ter conseguido obter pedra de maior dimensão para contrapeso das pedras que formam a falsa cúpula utilizou-se argamassa no seu interior para a sua união, não se respeitando, assim, integralmente o objetivo inicialmente proposto, o de replicar fielmente a técnica construtiva.



Construção



Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão



Ibn Maruân



Constatámos, desta forma, que para a construção deste pequeno chafurdão, onde apenas se utilizaram blocos de pedra facilmente movimentáveis por um único homem e se recorreu a uma camioneta para a recolha da pedra, foram necessários, pelo menos 4 homens e quase 20 dias de trabalho.

Concluída a construção do chafurdão e como os mestres pedreiros fossem necessários para outros trabalhos autárquicos adiou-se a construção da choça. O tempo foi decorrendo e a oportunidade da outra construção continuou adiada até aos nossos dias, esperemos que ainda consigamos ver uma choça erguida no aprazível jardim da Igreja de Santiago de Marvão.



Ermita de S. João da Fonte de Souto, junta da qual existe um chafurdão

Mas o que sabemos sobre os chafurdões?

Nas encostas da Serra de S. Mamede, sobretudo na zona norte, em zonas abertas, por entre os grandes batólitos de granito, identificam-se estas espantosas, estranhas e fortíssimas construções, localmente denominadas por chafurdões. Nos diversos levantamentos arqueológicos que realizámos nesta região começámos a reconhecer a proximidade geográfica destas construções com os povoados e necrópoles atribuídos à Alta-Idade-Média. Perante a ausência de uma informação precisa que nos possibilitasse datar os denominados chafurdões questionamo-nos sobre a sua possível relação cronológica e funcional com os povoados e sobretudo com as vulgarmente denominadas sepulturas escavadas na rocha. No concelho de Marvão, e só a título de

exemplo, revela-se de particular interesse a zona entre a ermida de S. João e a Fonte de Souto. Aqui, também uma necrópole e povoado alto-medieval acolhem um chafurdão e a escassos metros encontra-se a arruinada ermida, que pelo aspeto exterior aparenta ter sido reformulada no séc. XVII, mas que alguns elementos estruturais apontam para uma maior antiguidade. Ainda no concelho de Marvão assumem par-



Ermita de S. João da Fonte de Souto, junta da qual existe um chafurdão

particular interesse dois locais emblemáticos. Na Mouta Rasa, um enorme chafurdão localiza-se na área dum povoado alto-medieval, onde está, igualmente presente uma vasta e singular necrópole de sepulturas escavadas na rocha, algumas ainda com respetiva tampa, embora já violadas. No Monte Velho, freguesia da Beirã, que acolhe um enorme povoado e necrópole alto-medievais, identificou-se uma telha com uma inscrição cristã. Nesta região ocorrem, igualmente, dois chafurdões, um deles já muito arruinado e outro de grandes dimensões. Na telha inscrita, infelizmente hoje desaparecida, proveniente deste povoado e recolhida por Afonso do Paço quando aqui procedeu a escavações, era possível ler-se em "Latim bárbaro" (H)IC PAX (H)IC C(H)RIST(VS) (PAÇO, 1947). Mais casos idênticos conhecemos nos concelhos de Nisa, Portalegre, Castelo de Vide e nos termos Municipais de Valência de Alcântara

e Albuquerque. As tumulações que se conhecem junto a chafurdões seguiram o rito cristão e recordemo-nos do cristograma gravado no colunelo identificado na fábrica do chafurdão do Vale da Bexiga, em Castelo de Vide. Enfim, um conjunto de testemunhos que nos sugerem que a funcionalidade dos chafurdões poderia estar relacionada, originalmente, com práticas religiosas ou funerárias cristãs, eventualmente na preparação dos corpos para a deposição nas sempre problemáticas sepulturas escavadas na rocha.

Aparentemente, algumas destas construções poderão remontar à Alta-Idade-Média, continuamente rehabilitados e refuncionalizados, e outros terão sido edificadas muito posteriormente utilizando a mesma técnica construtiva que é simples e fiável destinados a apoiar a atividade agrícola.

Atualmente muitos dos chafurdões que se conhecem são utilizados para os mais diferentes fins, sempre ligados a atividades agrícolas ou pastoris, mas com o gradual abandono dos campos já são apenas utilizados sazonalmente para acolher palha, alfaia e pequenos rebanhos.

Referências bibliográficas

OI IVFIRA, I. de; SOARES, C. M.; GOUFA, F.; LOVFGROVE, S. (2018); *As Construções de falsa cúpula ou chafurdões no contexto da Alta-Idade-Média na serra de S. Mamede, Scientia Antiquitatis*, n.º 1, ed. Eletrónica.

PAÇO, Afonso do (1949) – Inscrição Cristã do Monte Velho. Sep. Revista Brotéria, 49. Porto: Tip. Porto Médico.

PAÇO, Afonso do (1953) – Carta arqueológica do concelho de Marvão. Sep. Ciências Históricas e Filológicas, 8. Lisboa: Imprensa Portuguesa.

PRATA, S. (2012) – *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Rui Arimateia



OS DIAS DE MARVÃO NA VIDA DE FERNANDA DE CASTRO

“... mas haverá morte quando se continua vivo no coração dos que ficam?”

Fernanda de Castro
in “Memórias”, 2024, p. 88.

Ao lermos os diários e agendas que Fernanda de Castro nos deixou, adivinhámos-lhe um estilo de vida assumidamente independente e sempre privilegiando uma postura de inclusão nas relações que perfilhava, tanto familiares, assim como de amizade ou profissionais.

Gostava de se rodear de Crianças, de Beleza e de Arte. Alimentava-se espiritualmente dos laços afectivos dos familiares e dos amigos. Amava intensamente a Natureza, nomeadamente as plantas, a montanha e o mar. Eram estes os seus mais profundos propósitos de vida.

Fernanda de Castro nasceu no ano de 1900, em Lisboa e com 12 anos de idade acompanha a mãe e o irmão mais novo numa viagem até à Guiné onde o pai tinha sido colocado como Capitão do Porto de Bolama. Aí viveu alguns meses até à morte da mãe, em 1914. Volta então para Lisboa com o seu irmão, que tinha apenas 2 anos de idade.

Aqui cresceu, estudou, escreveu, criou... Rodeada de amigos, e sempre envolvida e profundamente comprometida com a poesia, a escrita, a arte e as crianças. Em 1931 concebeu e dinamizou a obra social e educativa denominada Associação Nacional dos Parques Infantis, destinada às crianças dos bairros populares de Lisboa e cujos princípios de acção ainda hoje se encontram actuais. Projecto de vida que somente em 1973 viria a entregar à Misericórdia de Lisboa.

É no acto de dar e de partilhar, de transmitir sem nada receber em troca, que reside a verdadeira Cultura... Da Cultura nasce a Educação e só assim se atingirá um ser humano novo liberto e plenamente consciente das suas potencialidades e capacidades. Um homem ou uma mulher, criadores de mais Cultura...

Todo o aprender, todo o ensinar é comunicar!

Por sua vez, comunicar é estar em relação com, é agir. Partindo do pressuposto de que basta estarmos presentes para estarmos a agir e, por assim dizer, a comunicar: é impossível não comunicar. A comunicação não tem antítese. Estamos constan-